

OUTRA VEZ A MESMA HISTÓRIA: A COMPULSÃO À REPETIÇÃO NAS ESCOLHAS AMOROSAS À LUZ DA TEORIA PSICANALÍTICA¹

Nathália Lopes Falci²

Marília Barroso de Paula³

RESUMO:

Este artigo trata-se de uma revisão narrativa de cunho exploratório sobre a compulsão à repetição nas escolhas amorosas a partir da perspectiva Psicanalítica. Partindo da hipótese psicanalítica de que as escolhas se repetem, o presente estudo buscou compreender os caminhos do psiquismo na eleição de determinados parceiros amorosos e, ainda, os motivos que levam o indivíduo a repetir um determinado padrão mesmo que este conduza ao sofrimento e gere desprazer. A investigação foi realizada a partir da busca eletrônica de artigos indexados em língua portuguesa, utilizando-se como principais bases de dados: *Scientific Electronic Library Online (Scielo)* e o *Google Acadêmico*, além dos textos clássicos de Freud e seus comentadores. Foram utilizados os descritores “repetição”, “compulsão à repetição”, “amor”, “amor romântico”, “narcisismo”, “complexo de Édipo” e “psicanálise”. De forma mais específica, a pesquisa analisou o discurso do amor romântico idealizado e a incessante busca do sujeito por sua completude, os mecanismos psíquicos envolvidos na escolha do objeto amoroso, tendo como fundamento o conceito de narcisismo e o complexo de Édipo e, por fim, se investigou a repetição como norteadora das escolhas afetivas. Considera-se, a partir da compreensão do aspecto propulsor das repetições, que novos sentidos para uma história já conhecida podem ser elaborados. Esta pesquisa destaca a relevância do tema repetição para a Psicanálise, uma vez que esta faz parte dos conceitos fundamentais na teoria freudiana. Compreendendo o aspecto propulsor da repetição, a Psicanálise pode auxiliar o indivíduo na elaboração de suas escolhas.

Palavras-chave: Psicanálise. Compulsão à repetição. Objeto amoroso. Narcisismo.

AGAIN, THE SAME STORY: THE COMPULSION TO REPETITION IN LOVE CHOICES IN THE LIGHT OF PSYCHOANALYTIC THEORY

ABSTRACT:

This article is an exploratory narrative review on the compulsion to repetition in love choices from the Psychoanalytic perspective. Starting from the psychoanalytic hypothesis that the choices are repeated, the present study will seek to understand the

¹Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Práticas Clínicas. Recebido em 28/05/2023 e aprovado, após reformulações, em 28/06/2023.

²Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: nlfalci@hotmail.com.

³Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: mariliapaula@uniacademia.edu.br.

paths of the psyche in the election of certain loving partners and the reasons that lead the individual to repeat a certain pattern even if it leads to suffering and generates displeasure. The investigation was carried out from the electronic search of articles indexed in Portuguese, using as main databases: Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Google Scholar, in addition to the classic texts of Freud and his commentators. The descriptors "repetition", "compulsion to repetition", "love", "romantic love", "narcissism", "Oedipus complex" and "psychoanalysis" were used. More specifically, the research analyzed the discourse of idealized romantic love and the subject's incessant search for its completeness, the psychic mechanisms involved in the choice of the love object, based on the concept of narcissism and the Oedipus complex and, finally, we will analyze repetition as a guide for affective choices. Finally, it is considered that it is from the understanding of the propelling aspect of repetitions that new meanings for an already known history can be elaborated. This research highlights the relevance of the theme repetition for Psychoanalysis since this is part of the fundamental concepts in Freudian theory. Understanding the driving aspect of repetition, psychoanalysis can assist the individual in the elaboration of their choices.

Keywords: Psychoanalysis. Compulsion to repetition. Love object. Narcissism.

1 INTRODUÇÃO

O amor, como caminho para atingir a felicidade, é um tema que desperta interesse em grande parte das pessoas que almejam alcançar a plenitude através do encontro absoluto com o outro, ignorando a disparidade entre o amor real e o amor ideal. Por conseguinte, as queixas relacionadas às insatisfações amorosas e os problemas advindos dessas escolhas, por vezes levam o indivíduo a procurar o atendimento clínico, buscando compreender o porquê de tais escolhas o conduzirem ao sofrimento.

Na tentativa de viver o amor romântico idealizado, arraigado no imaginário coletivo, o indivíduo se lança repetidas vezes em novos relacionamentos e o ciclo se repete, conforme nos aponta Melo (2010). Kuss (2019) destaca que a psicanálise atesta a impossibilidade da completude no âmbito amoroso, pois o amor não pode eliminar a falta, uma vez que esta faz parte da constituição psíquica, desconstruindo assim, o ideal amoroso propagado pelo Romantismo. Em certa medida, o movimento do Romantismo idealizava um retorno a uma época em que as pessoas poderiam viver de forma mais feliz e natural, enquanto o Iluminismo defendia a ideia de uma sociedade mais igualitária. A contribuição de Sigmund Freud à psicanálise ressoa

essas duas correntes, criando um espaço para lidar tanto com a instabilidade humana, presente no Romantismo, quanto com a razão, característica do Iluminismo.

Diante desse cenário de escolhas repetitivas, o presente estudo buscou compreender os caminhos do psiquismo na eleição de determinados parceiros amorosos e, ainda, os motivos que levam o indivíduo a repetir um determinado padrão mesmo que este conduza ao sofrimento e gere desprazer.

Em consonância com a teoria psicanalítica de Freud, a repetição é um retorno compulsivo de algo que foi recalçado⁴ no inconsciente⁵. Na tentativa de recuperar esse objeto perdido e satisfazer a sua incompletude, o indivíduo escolhe inconscientemente o mesmo perfil de parceria amorosa, configurando uma série de relacionamentos repetitivos.

A escolha do objeto de amor repete, em sua essência, os modelos vivenciados na infância. Essa escolha, segundo Freud (2010), poderá ser anaclítica, ou de ligação, quando relacionada aos cuidados recebidos pela criança em sua mais tenra idade ou uma escolha objetual narcísica, quando relacionada a própria imagem do sujeito que busca reencontrar o seu narcisismo, o seu eu ideal, idealizando assim, o objeto de amor. Portanto, as relações afetivas direcionam-se para uma tentativa de reencontrar um objeto perdido, seja o ideal egóico ou o amor recebido pela criança dos seus cuidadores. Ressalta-se que esses dois tipos de escolha de objeto de amor não se manifestam de forma pura e excludente, podendo se manifestar de forma simultânea ao longo da vida do indivíduo. Freud (2010) postula que o sujeito sempre volta ao seu primeiro amor, o amor despendido pela mãe ou por quem exerça essa função materna. Nesse sentido, o psicanalista argentino Násio (2014) aponta que o amor de hoje é sempre a repetição do protótipo do amor infantil. Dessa forma, amar é invariavelmente amar pela segunda vez.

⁴Para Sigmund Freud*, o recalque designa o processo que visa a manter no inconsciente* todas as idéias e representações ligadas às pulsões* e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer (ROUDINESCO, 1998, p. 647).

⁵Em psicanálise, o inconsciente é um lugar desconhecido pela consciência: uma “outra cena”. Na primeira tópica, elaborada por Sigmund Freud, trata-se de uma instância ou um sistema (Ics) constituído por conteúdos recalcados que escapam às outras instâncias, o pré-consciente e o consciente (Pcs-Cs). Na segunda tópica, deixa de ser uma instância, passando a servir para qualificar o isso* e, em grande parte, o eu e o supereu (ROUDINESCO, 1998, p.375).

O objetivo dessa pesquisa foi investigar a repetição inconsciente presente na escolha dos pares afetivos à luz da teoria psicanalítica. De forma mais específica, a pesquisa analisou o discurso do amor romântico idealizado e a incessante busca do sujeito por sua completude. Em seguida discorreremos sobre os mecanismos psíquicos envolvidos na escolha do objeto amoroso, tendo como fundamento o conceito de narcisismo e o complexo de Édipo e, por fim, analisamos a repetição como norteadora das escolhas afetivas.

Este artigo consistiu em uma revisão narrativa de cunho exploratório a partir da busca eletrônica de artigos indexados em língua portuguesa, utilizando-se como principais bases de dados: *Schientific Eletronic library Online (SciELO)* e o *Google Acadêmico*, além dos textos clássicos de Freud como *Análise fragmentária de uma histeria “O caso Dora”* (1905); *Introdução ao Narcisismo* (1914); *Lembrar, repetir e perlaborar* (1914); *Além do princípio do prazer* (1920) e *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925) e seus comentadores. As palavras-chave incluídas combinaram “repetição”, “compulsão à repetição”, “amor”, “amor romântico”, “narcisismo”, “complexo de Édipo” e “psicanálise”. Foi feito o cruzamento dos resultados entre si, utilizando o operador “AND” com o intuito de delimitar a pesquisa a resumos que demonstram os termos ao mesmo tempo.

A relevância de estudar a repetição se justifica pelo fato de que é através dela que percebemos o movimento do inconsciente. Por muitas vezes, mudam-se os atores, mas a cena permanece a mesma, levando o indivíduo a um lugar já conhecido. Compreendendo o aspecto propulsor da repetição, o indivíduo tem a possibilidade de elaborar suas escolhas e escrever uma nova história, com consciência das suas decisões.

2 O AMOR ROMANTICO IDEALIZADO E A INCESSANTE BUSCA DO SUJEITO POR SUA COMPLETUDE

A idealização do amor romântico como caminho para alcançar a plenitude está arraigada no imaginário coletivo há séculos, tratando-se de uma crença historicamente construída e não uma manifestação da natureza humana (TOLEDO, 2002). Conforme aponta a psicanalista Ferreira (2004), o ideal de amor romântico

sofreu grande influência do campo da arte, mais especificamente da literatura ocidental, que destacava em suas histórias de amor, a superação de obstáculos, a dor e o sofrimento como via para atingir a tão sonhada felicidade.

Os pilares do amor romântico se sustentam pelas seguintes afirmações: “[...] o amor é um sentimento natural e universal; o amor é um sentimento incontrolável e surdo a ‘voz da razão’ e o amor é uma condição imprescindível para a máxima felicidade a que podemos aspirar” (COSTA, 1998, p.13). Toledo (2002), doutora em psicologia clínica, assinala que os pilares que sustentam o amor romântico negam o caráter histórico-cultural desse sentimento. Ainda nesse sentido, afirma que a forma de amar ocidental é uma construção decorrente das transformações sociais, interesses econômicos e produções filosóficas.

Na Idade Média, no século XII, nasceu o amor cortês, criado pelos trovadores e poetas das cortes nobres do sul da França. Esse tipo de amor foi caracterizado pela idealização da pessoa amada e a impossibilidade do amor em função da não correspondência amorosa, tornando o homem um vassalo da mulher amada. A mulher era elevada a uma posição divinizada e inatingível, sendo o homem capaz de suportar tudo em função desse amor. Nesse viés, o amante colocava-se a serviço da amada, estando disposto não apenas a sofrer como também morrer de amor, e as regras desse amor eram calcadas na humildade, fidelidade e sigilo da identidade da amada, fazendo do amor algo impossível para que a prática de escrita se transformasse em metáfora. Assim, inventou-se um amor para se fazer poesia (FERREIRA, 2004).

A conhecida representação do amor eternizado de Romeu e Julieta, escrita por William Shakespeare, importante dramaturgo inglês do século XVI, inspirou diversos outros romances trágicos que moldaram o que se compreende como amor até na atualidade. Esta obra é construída a partir de “[...] uma valorização do desejo de um enlace afetivo como fator essencial para que um casamento se concretizasse” (NOGUERA, 2020, p. 118). Essa concepção idealista da vida que, muitas vezes, atrela a ideia de amor a um contrato jurídico, materializou o amor cortês como uma fantasia do clero medieval para organizar o mundo dos afetos, ou seja, de suas relações (NOGUERA, 2020).

Depois da Revolução Francesa, no século XVIII, o filósofo Jean-Jacques Rousseau defendeu que amor, sexo e felicidade deveriam estar presentes no

casamento, essa ideia oriunda do Romantismo configura o que compreendemos até hoje como união entre duas pessoas que devem se amar e se bastar (NOGUERA, 2020). Sob a influência da filosofia romântica de Rousseau, a sociedade ocidental iniciou um movimento de oposição ao classicismo e ao racionalismo do período iluminista na Europa. Rousseau (apud TOLEDO, 2002) propunha uma transformação social valorizando o amor conjugal como elemento necessário para uma organização familiar sólida. Nesse contexto, Toledo (2002) explica que o amor era importante para a realização pessoal, mas estava associado a valores coletivistas, fazendo parte de uma proposta que visava o bem-estar comum.

Esse tom nostálgico, característico do romantismo, refletiu no ideal de amor que posteriormente foi produzido e divulgado no Ocidente. No pensamento romântico, Toledo (2002) observa que a idealização passa a ser a principal fonte de realização, enquanto o momento atual é menosprezado, provocando assim, um acúmulo de expectativas que não serão realizadas. A autora ainda nos afirma que o excesso de anseios idealizados, baseados em um modelo previamente determinado provoca a marca da infelicidade, pois a satisfação é sempre esperada, mas nunca experimentada:

De fato, a extrema insatisfação com o presente, típica do romantismo, é acompanhada pela esperança de reencontrar, no futuro, um tempo perfeito e idealizado, que, na realidade nunca existiu. Percebemos, assim, um movimento em círculo: quanto mais distante o ideal a ser alcançado, mais idealizado se torna esse ideal, o que o desloca ainda mais na direção do inatingível. A concretização da felicidade torna-se, assim, algo sempre distante, dadas as exigências exacerbadas que acompanham as expectativas românticas (TOLEDO 2002, f. 26).

Portanto, a insatisfação no âmbito amoroso é um dos motivos que levam o paciente a procurar a clínica psicanalítica, muitas vezes acompanhado de sentimentos de inferioridade, vergonha e inadequação à sociedade (TOLEDO, 2002). Para Suy (2022), o sujeito, na mesma proporção que deseja o amor, o sobrecarrega de demandas em suas fantasias. Essas fantasias, por sua vez, escancaram que os objetos de amor são amados exatamente pela falta.

3 OS MECANISMOS PSÍQUICOS ENVOLVIDOS NA ESCOLHA DO OBJETO AMOROSO

Segundo a teoria psicanalítica freudiana, os mecanismos psíquicos inconscientes envolvidos na escolha amorosa, remetem-se aos conceitos de narcisismo e à vivência do complexo de Édipo. Nesse viés, o amor é explicado como uma reedição de uma relação já vivenciada, revelando uma lembrança e uma idealização do objeto de amor, típicas do amor romântico.

Amar é algo que aprendemos sendo amados. É porque alguém em algum momento nos amou, ainda que tenha amado mal, que a gente aprende a amar, ainda que ame mal. Mas nossas primeiras experiências de amor são irremediáveis. Não no sentido de que elas paralisam e condenam necessariamente num mesmo ponto, mas no sentido de que ninguém sai imune da família que tem. [...]. Nosso modo de ocupar um lugar mais ou menos precioso para alguém servirá como bússola para nos posicionarmos no campo do amor nas escolhas da vida madura, ainda que não seja tão madura assim (SUY, 2022, p. 34-35).

O termo narcisismo, na sua etimologia, faz referência ao mito grego de Narciso e está relacionado ao amor que o sujeito sente por si mesmo. Freud (2010) em seu texto Sobre o narcisismo: uma introdução, aprofunda o conceito de narcisismo, se referindo tanto a uma fase do desenvolvimento psíquico quanto aos investimentos libidinais, ou seja, energia que dirigimos aos objetos de nossos desejos, que podem ser direcionados ao próprio eu, libido do eu ou narcísica, ou aos objetos externos, libido objetal.

O narcisismo primário, segundo Laplanche e Pontalis (2016, p. 290), é definido como “[...] o estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma [...]”, ela se toma como objeto de amor antes mesmo de escolher os objetos externos, sendo este o primeiro estágio para a formação do eu.

Freud (2010) traça um paralelo entre o conceito de narcisismo primário e o amor dos pais por seus filhos, afirmando que a devoção desse amor corresponde a uma reedição do narcisismo dos próprios pais frente aos filhos.

O narcisismo primário que supomos na criança, que contém uma das premissas de nossas teorias sobre a libido, pode ser mais facilmente confirmado por inferência retrospectiva de um outro ponto do que apreendido por observação direta. Quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado. Como todos sabem, a nítida marca de superestimação, que já na escolha de objeto apreciamos como estigma narcísico, domina essa relação afetiva. Os pais são levados a atribuir

à criança todas as perfeições – que um observador neutro nelas não encontraria - e a ocultar e esquecer todos os defeitos, algo que se relaciona, aliás, com a negação da sexualidade infantil (FREUD, 2010, p. 36).

Nesse sentido, o narcisismo primário refere-se à imagem de um eu completo, autossuficiente e sem objeto. Apresenta-se, portanto, como um estado de perfeição e completude idealizada que funcionará como norteador das relações afetivas. Toledo (2002) assinala que essa teoria descreve um movimento psíquico caracterizado pela tendência a reeditar um momento mítico, perdido em um passado imaginário e que produz uma marca de satisfação a ser buscada na vida adulta. Assim, o amor trata-se de um investimento afetivo envolvendo a idealização e a satisfação narcísica.

Em um segundo momento, esse narcisismo precisará ser furado, o fundamento que organiza nossa civilização, esse amor pelo eu que é furado, ou seja, que sabe que não é completo foi chamado por Freud de narcisismo secundário (SUY, 2022). Zimerman (2008) conceitua o narcisismo secundário como uma espécie de refluxo da energia pulsional, ou seja, de representantes psíquicos dos estímulos internos. Após ter investido em objetos externos, sofre um desinvestimento libidinal e retorna ao seu lugar original, o próprio eu, correspondendo ao momento de unificação, denominado por Freud (2010) de eu ideal, fantasia idealizada de nós mesmos para compensar a saída do narcisismo primário. O escritor brasileiro Garcia-Roza (1995, p. 49) esclarece que:

O narcisismo secundário, por sua vez, resulta de um retorno ao eu dos investimentos feitos sobre os objetos externos. A libido que anteriormente investia o eu, passa a investir objetos externos e posteriormente volta a tomar o eu como objeto. Entre o narcisismo primário e o secundário, ambos se caracterizando por um investimento do eu, há um investimento da libido em objetos externos ao eu. Estes modos de investimento libidinal não devem ser considerados como constituindo fases ou etapas, umas substituindo as outras. De fato, não há um abandono completo do eu em benefício do investimento objetal nem posteriormente um abandono completo do investimento objetal em favor do eu; pode haver concomitância das formas de investimento com a predominância de uma delas.

Niceas (2017) assinala que a introdução do narcisismo na teoria freudiana foi conduzida através de uma leitura quantitativa dos fatos clínicos, onde foram considerados o balanceamento das representações energéticas⁶ de perdas e ganhos

⁶Segundo Freud, em seu texto Sobre as afasias de 1891, traços mnêmicos das experiências vividas que se reorganizam com os estímulos externos.

libidinais entre o eu e os objetos, estando esses objetos na realidade ou na fantasia do sujeito. Ferreira (2004, p. 19) aponta que:

No início, as pulsões sexuais e as pulsões do eu (pulsões de autoconservação) se misturam, tendo, portanto, a mesma quantidade de libido. Quando elas se separam, a bipartição de libido pode ser feita de forma desequilibrada: uma certa quantidade de libido retirada dos objetos é investida no eu, ou uma certa quantidade de libido retirada do eu é investida nos objetos.

Esse deslocamento da libido designa os caminhos para a escolha do objeto amoroso, podendo se apresentar de forma narcísica ou anaclítica, de ligação. A escolha narcísica tem como fundamento a imagem de si mesmo: o indivíduo ama o que ele é, o que ele já foi, o que ele queria ser e alguém que foi parte dele mesmo. A escolha anaclítica, por sua vez, tem como modelo as funções parentais: o sujeito ama a mulher que nutre ou o homem que protege (FERREIRA, 2004). A autora ainda destaca que as escolhas narcísicas e anaclítica do objeto amoroso derivam do narcisismo primário. Ademais, Freud (2010, p. 32-33) ressalta que:

Não concluímos que as pessoas se dividem em dois grupos bem diferenciados, conforme sua escolha de objeto obedeça ao tipo narcísico ou ao “de apoio”. Preferimos supor, isso sim, que para cada pessoa ficam abertos ambos os caminhos da escolha de objeto, sendo que um ou outro pode ter a preferência. Dizemos que o ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria, e nisso pressupomos o narcisismo primário de todo indivíduo, que eventualmente pode se expressar de maneira dominante em sua escolha de objeto.

Toledo (2002) evidencia que o amor narcísico está relacionado ao ideal de amor romântico propagado pela cultura, no qual o objeto amoroso ocupa lugar central entre os demais interesses. A teoria freudiana se aproxima da narrativa romântica a partir da compreensão do narcisismo, instância constitutiva da subjetividade, como referência principal para se explicar a dinâmica da vida amorosa. Nesta compreensão o amor é pensado como uma idealização nostálgica das vivências amorosas primárias, o amor estaria, portanto, no campo da onipotência e completude. Nesse sentido, o encontro amoroso seria uma via de restauração do narcisismo primário. Para Suy (2022, p. 56), “[...] antes de falarmos, somos falados. Assim, com frequência estamos querendo saber de nós pelas palavras dos outros”. Em suma, a condição

humana é radicalmente desamparada e é o amor de um outro que, pela antecipação do eu, fura esse desamparo e liga o eu à vida.

Além do narcisismo, um outro mecanismo psíquico envolvido na escolha do objeto amoroso é a vivência do complexo de Édipo, sendo esta uma experiência fundamental para a construção da subjetividade, organizando a sexualidade e a vida amorosa do sujeito na fase adulta.

Laplanche e Pontalis (2016, p. 77) definem o complexo de Édipo como:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos seus pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo.

Toledo (2002) sinaliza que a masculinidade ou a feminilidade são configurações sexuais a serem construídas através das identificações, especialmente daquelas oriundas da vivência edípica. Essa vivência se dá de forma distinta no menino e na menina, sendo inevitável essa passagem para a estruturação da personalidade do sujeito.

O menino, ao entrar na fase fálica do desenvolvimento sexual, deseja a mãe como objeto sexual, passando a ver o pai como rival. Por medo da castração, ele renuncia às suas expectativas amorosas com a mãe e passa a se identificar com o pai, destruindo o complexo de Édipo (TOLEDO, 2002).

A menina, por sua vez, faz um caminho diferente na vivência edípica. Ela, assim como o menino, tem a mãe como o seu primeiro objeto de amor, mas vivencia um período pré-edípico, marcado pela intensa vinculação com a mãe e que será de grande importância para o futuro dela como mulher, conforme ressalta Costa (2010). Ao se notar castrada, “[...] a menina sai do apego pré-edípico com a mãe e se direciona ao pai, com o objetivo de obter o pênis que a mãe lhe negou, iniciando assim, o seu complexo de Édipo” (COSTA, 2010, p. 23). A anatomia feminina, portanto, é compreendida como resultado de uma castração. Em seguida, a menina substitui a falta do pênis pelo desejo de ter um filho do pai, tomando-o como objeto de amor.

Posteriormente, ao se identificar com a mãe, ela passa a desejar o lugar desta ao lado do pai, desenvolvendo um ciúme edípico e ódio pela mãe (TOLEDO, 2002).

Freud (2021a, p. 269), em seu texto intitulado Algumas considerações psíquicas da distinção anatômica dos sexos de 1925, ressalta que “[...] enquanto o complexo de Édipo do menino cai por terra através do complexo de castração, o da menina é possibilitado e introduzido pelo complexo de castração”. Nesse sentido, Freud (2021a, p. 269) nos explica que “[...] o complexo de castração sempre opera no sentido de seu conteúdo, inibindo e limitando a masculinidade e promovendo a feminilidade em cada caso”.

Toledo (2002, f. 63) destaca que “[...] o amor edípico, assim como os anseios narcísicos remetem a um movimento subjetivo localizado entre a fantasia onipotente de completude e a impossibilidade imposta pela realidade”. Essas duas teorias, portanto, apresentam como ponto de similaridade a tendência de restaurar uma completude idealizada, cuja referência está no passado.

4 DA VICISSITUDE DA REPETIÇÃO NA TEORIA FREUDIANA

A repetição é um dos conceitos fundamentais da Psicanálise e se traduz por uma manifestação do inconsciente que compele ao indivíduo a reproduzir no presente experiências já vivenciadas, ao invés de apenas recordá-las como algo pertencente ao seu passado. Tal fenômeno pode estar inserido na gênese do sofrimento e na construção da subjetividade de cada indivíduo. Por conseguinte, Costa (2010b, p. 02) destaca que:

O inconsciente freudiano é movido pela compulsão à repetição, em que a pulsão faz uma trajetória regressiva a formas anteriores de satisfação. Deste modo, essas formas primitivas de satisfação — nunca totalmente abandonadas — deixam traços mnêmicos que funcionariam como uma via de retorno. Para Freud, há um tempo que passa, que se dirige para o futuro, e um outro que se dirige para o passado em forma de repetição.

Nos estudos realizados por Freud, o conceito de repetição aparece marcado em dois momentos importantes: em Lembrar, Repetir e Perlaborar, datado de 1914, e Além do Princípio do Prazer, no ano de 1920, onde o autor ampliou o conceito de repetição relacionando-o à pulsão de morte.

A pulsão tornou-se um dos conceitos fundamentais da teoria psicanalítica colocando-se como “[...] processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética) que faz o organismo tender para um objetivo” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016, p. 394). Em 1915, no texto *As pulsões e seus destinos*, Freud (2021b, p. 25) afirma que a pulsão é:

[...] um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida de exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal.

Portanto, a pulsão é uma força energética que impulsiona o movimento, uma exigência de trabalho que o corpo faz ao psiquismo para representar os estímulos provenientes do seu interior. É um conceito-limite entre o psiquismo e o corpo – o anímico e o somático. No âmbito somático, a pulsão tem origem nos fenômenos orgânicos geradores de tensões internas inevitáveis ao sujeito. No entanto, através da intenção que almeja e dos objetos aos quais se vincula, a pulsão encontra um destino essencialmente psíquico, conforme apontam Laplanche e Pontalis (2016).

Segundo os autores, Freud desenvolveu duas teorias pulsionais, destacando o conflito psíquico entre pulsões antagônicas. O primeiro dualismo pulsional de 1910, foi marcado por uma divisão entre as pulsões do eu, que visavam a autoconservação do indivíduo, e as pulsões sexuais, voltadas para a manutenção da espécie e a satisfação sexual. O segundo dualismo pulsional de 1920, por sua vez, apresenta o conceito da pulsão de morte, inclinada à redução completa das tensões, ou seja, a tendência à recondução do ser vivo ao estado anorgânico contrapondo-se à pulsão de vida, que almejava o investimento e a unificação (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016). Destaca-se que o surgimento do segundo dualismo pulsional não implica em um abandono da teoria anterior, tratando-se de uma ampliação do conceito de pulsão.

No texto *Lembrar, Repetir e Perlaborar* de 1914, sob a égide do primeiro dualismo pulsional, regido pelo princípio do prazer⁷ versus o princípio da realidade⁸,

⁷“Um dos dois princípios que, segundo Freud, regem o funcionamento mental: a atividade psíquica no seu conjunto tem por objetivo evitar o desprazer e proporcionar o prazer. É um princípio econômico na medida em que o desprazer está ligado ao aumento das quantidades de excitação e o prazer à sua redução” (LAPLANCHE, PONTALIS, 2016. P.364).

⁸“Forma par com o princípio do prazer, e modifica-o; na mesma medida em que consegue impor-se como princípio regulador, a procura da satisfação já não se efetua pelos caminhos mais curtos, mas

Freud (2021b) relaciona o conceito de repetição a outros três conceitos fundamentais da teoria psicanalítica: a transferência, a resistência e a atuação.

A transferência é “[...] o processo pelo qual desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016, p. 514). A transferência, portanto, atualiza os desejos inconscientes do indivíduo durante o processo de análise tornando possível a ressignificação destes na presença do analista.

Segundo Freud (2021b, p. 155), “[...] a repetição é a transferência do passado esquecido não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação presente”. Em *Análise Fragmentária da Histeria* de 1905, Freud (2016, p. 312) define as transferências como:

[...] novas edições, reproduções dos impulsos e fantasias que são despertados e tornados conscientes à medida que a análise avança, com a substituição - característica da espécie - de uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Colocando de outra forma: toda uma série de vivências psíquicas anteriores é reativada, mas não como algo passado, e sim na relação atual com o médico.

Para Garcia-Roza (2014) o que se repete em análise são os protótipos infantis, cabendo ao analista assumir a imago⁹ paterna ou materna propiciando o fenômeno da transferência. Assim, o que o paciente não recorda, reaparece sob a forma de atos na relação com o analista. Por conseguinte, observamos que é através da transferência que a repetição se apresenta como via de acesso ao inconsciente do analisando.

A resistência, por sua vez, é definida como “[...] tudo o que nos atos e palavras do analisando, durante o tratamento psicanalítico, se opõe ao acesso deste ao seu inconsciente” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016, p. 458). Assim, observar o fenômeno da resistência é de suma importância para a compreensão do movimento da repetição do inconsciente do analisando. Freud (2021a, p. 156) afirma que “[...] quanto maior for

faz desvios e adia o seu resultado em função das condições impostas pelo mundo exterior” (LAPLANCHE, PONTALIS, 2016, p.368).

⁹Protótipo inconsciente de personagens que orienta seletivamente a forma como o sujeito apreende o outro; é elaborado a partir das primeiras relações intersubjetivas reais e fantasísticas com o meio familiar” (LAPLANCHE, PONTALIS, 2016, p.234).

a resistência, de forma mais frequente o lembrar será substituído pelo atuar”. O conteúdo inconsciente que o analisando não consegue acessar, aparece em forma de comportamentos e se reproduz em atos no *setting* analítico. Ademais, Oliveira e Ligeiro (2020, p. 41) pontuam que “[...] quanto mais a análise caminha em direção a uma representação recalçada, maior é a força da resistência, que comparece como obstáculo à rememoração”. Ainda, segundo as autoras:

[...] aquilo que não é recordado tende a ser repetido em ação, o que nos leva a pensar que podemos considerar a repetição, ela mesma, uma forma de rememoração. A atuação é movida por motivos inconscientes, quer dizer, aquilo que o paciente não recordou, não elaborou em análise, vai comparecer em ato (OLIVEIRA; LIGEIRO 2020, p. 42).

Nesse sentido, Quinodoz (2007) nos esclarece que a intensidade da repetição está relacionada a qualidade afetiva da transferência. Quando a transferência é positiva, ou seja, carregada de afetos amistosos, o paciente tende a se lembrar, porém quando é negativa, carregada de sentimentos hostis, ou positiva erótica, a resistência se fortalece e a tendência da repetição em atos se torna mais acentuada. Segundo Freud (2021b) é através do manejo da transferência que o analista conseguirá transformar a compulsão à repetição em um motivo de lembrança, cabendo ao analista facilitar o processo para que o analisando “[...] aprofunde na resistência que até então lhe era desconhecida, para perlaborá-la¹⁰, superá-la, na medida em que ele, a ela resistindo, continua o trabalho de acordo com a regra analítica fundamental” (FREUD, 2021b, p. 161).

O texto Além do Princípio de Prazer de 1920 apresenta um novo olhar de Freud para o funcionamento psíquico, influenciando as novas concepções teóricas que foram produzidas posteriormente. Até o momento, Freud tomara como paradigma o princípio do prazer para explicar o funcionamento do psiquismo. Cabe ressaltar que a estrutura do aparelho psíquico nesse período era dividida em 3 instâncias, quais sejam: inconsciente, pré-consciente e consciente, denominada primeira tópica freudiana. Laplanche e Pontalis (2016) nos explicam que o objetivo do princípio do prazer, portanto, é evitar o desprazer e proporcionar o prazer através do aumento e

¹⁰ “Processo pelo qual a análise integra uma interpretação e supera as resistências que ela suscita. Seria uma espécie de trabalho psíquico que permitiria ao sujeito aceitar certos elementos recalçados e libertar-se da influência dos mecanismos repetitivos” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016, p.339).

redução da energia psíquica, tratando-se de um princípio econômico, já que os processos psíquicos são descritos através da variação da quantidade de energia no seu interior. Assim, o prazer está relacionado a diminuição da energia psíquica e o desprazer ao aumento dessa energia.

Ao lado do princípio do prazer, temos o princípio da realidade, que é entendido como um princípio regulador que altera o princípio do prazer no que se refere aos meios utilizados para alcançar a satisfação. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016). Roudinesco (1998, p. 603) esclarece que o princípio da realidade modifica o princípio do prazer, “[...] impondo-lhe as restrições necessárias à adaptação à realidade externa”. Nessa perspectiva, o princípio do prazer está a serviço do inconsciente enquanto o princípio da realidade está a serviço do pré-consciente e do consciente.

Simultaneamente a esses dois princípios supracitados observa-se o princípio da constância, responsável por manter a estabilidade da energia psíquica em um nível mais baixo e constante. Laplanche e Pontalis (2016, p. 355) apontam que “[...] a constância é obtida, por um lado, pela descarga da energia já presente e, por outro, pela evitação do que poderia aumentar a quantidade de excitação e pela defesa contra esse aumento”. Freud (2020, p. 63) pontua que:

[...] se o trabalho do aparelho anímico visa manter baixa a quantidade de excitação, então tudo aquilo que for capaz de aumentá-la será necessariamente sentido como adverso à função do aparelho, isto é, como desprazeroso. O princípio do prazer deriva do princípio da constância; na realidade, o princípio da constância foi depreendido a partir dos fatos que nos impuseram a hipótese do princípio do prazer.

Através das suas observações clínicas, Freud (2020) começa a questionar a dominância do princípio do prazer nos processos psíquicos, uma vez que “[...] se existisse um domínio como esse, a imensa maioria dos nossos processos anímicos deveria ser acompanhada de prazer ou conduzir ao prazer, ao passo que a experiência mais comum contradiz energicamente essa conclusão” (FREUD, 2020, p. 65). Para tanto, ele afirma que “[...] somente pode ser que na psique exista uma forte tendência ao princípio do prazer, à qual se opõem certas outras forças ou circunstâncias, de modo que o resultado final nem sempre possa corresponder à tendência ao prazer” (FREUD, 2020, p. 65). Portanto, não se trata de uma dominância

do princípio do prazer no aparelho psíquico, mas uma forte tendência do psiquismo a buscar o prazer e evitar o desprazer.

Ao questionar a dominância do princípio do prazer, Freud (2020) formula o segundo dualismo pulsional apresentando os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte, o qual ele relacionou ao fenômeno da compulsão à repetição. Para Roudinesco (1998, p. 656) a compulsão à repetição se expressa como um processo inconsciente “[...] impossível de se dominar, que obriga o sujeito a reproduzir sequências (atos, ideias, pensamentos ou sonhos) que, em sua origem, foram geradoras de sofrimento, e que conservaram esse caráter doloroso”. Sobre a perspectiva dualista enunciada por Freud, Vicente (2007 apud MELO, 2011, p. 155) assinala que:

A dinâmica de funcionamento pulsional é dualista, ao lado de Eros há Tânatos, ou seja, o sujeito freudiano vive sob estas forças, onde a primeira tem função de unir o que foi separado, contrariando os aspectos disjuntivos da pulsão de morte. Esta última tem a função de conservar, buscar o retorno ao inanimado, a um estado anterior à própria vida. Eros é amor, e Tânatos, ódio e morte.

A pulsão de vida, segundo Laplanche e Pontalis (2016, p. 414), “[...] abrange não apenas as pulsões sexuais propriamente ditas, mas ainda as pulsões de autoconservação”, se opondo ao conceito de pulsão de morte, porém operando ao lado dela, uma vez que não se manifestam isoladamente.

A pulsão de morte, por sua vez, decorre da tendência inerente a todo ser humano de retornar a um estado anterior à vida, mais precisamente ao seu estado inorgânico, onde haveria uma redução completa da energia, um estado zero de tensão psíquica, mesmo que isso resulte em sua própria destruição. Costa (2010a, f. 30) ressalta que “[...] a compulsão à repetição demonstra que a vivência de prazer e de satisfação está intimamente ligada à noção de pulsão de morte, uma vez que esta visa se livrar da tensão do organismo”. Jorge (2020), por sua vez, assinala que através da pulsão de morte, Freud apresenta as duas características primordiais de toda pulsão: o caráter conservador, restitutivo, e seu aspecto repetitivo. Dessa forma, Jorge (2020, p. 62) salienta que “[...] é do caráter conservador que emana a tendência da compulsão à repetição”. Nesse viés, a repetição se expressa como fundamento para explicar a pulsão de morte.

Diante do exposto, pode-se considerar que o tema amor é central na teoria psicanalítica, ainda que não seja tomado como um estatuto conceitual fechado. Além disso, o amor mostra-se como um campo de estudo multifacetado ao ser implicado nos fenômenos com que se relaciona: a pulsão, a libido e a transferência (RAVANELLO; MARTINEZ, 2013).

Há liberdade nas escolhas amorosas? Como o antigo se articula com o novo para constituir as escolhas amorosas? Na teoria freudiana os modelos constituídos das disposições inatas e das influências herdadas dos primeiros anos de vida são repetidos, inconscientemente, a cada nova experiência. No texto de 1920, Além do princípio do prazer, Freud dimensiona a repetição como força pulsional, da ordem da compulsão, da pulsão de morte (SILVA, 2020).

No âmbito das relações amorosas, a pulsão de morte é observada através da compulsão à repetição na escolha do objeto amoroso. Nesse sentido, “[...] a pulsão de morte, silenciosa – que opera no sentido da destruição- que está contida no amor, define-se por esta teimosia (repetição) revelada nos movimentos do sujeito ao se direcionar de um a outro, e mais outro amor, pelos desfiladeiros da pulsão” (MELO, 2010, p. 156). Assim, a pulsão de morte expressa uma tendência do ser humano a retornar a um passado intenso, traumático, recalcado no inconsciente.

Nessa perspectiva, Freud (2020, p. 91) afirma que “[...] a compulsão à repetição também traz de volta aquelas experiências do passado que não contêm nenhuma possibilidade de prazer e que mesmo naquela época não puderam ser satisfações, nem mesmo de moções pulsionais recalcadas desde então”. Portanto, para o psiquismo, reviver uma experiência desagradável implica em tentar recuperar, retrospectivamente, essa experiência que não foi elaborada. Deste modo, uma experiência traumática para o indivíduo que fora recalcada no inconsciente, emerge repetitivamente através da manifestação compulsiva.

De acordo com Garcia-Roza (2014, p. 45), a psicanálise aborda a compulsão à repetição e a ligação de Eros, que indubitavelmente é marcada pela repetição com um passado reencontrado no qual repetimos o encontro amoroso que, em sua essência, já se manifesta pelo meio de máscaras. Segundo o autor:

Assim, como o primeiro encontro amoroso é já uma repetição, repetição de encontros amorosos que não foram vividos por nós, os demais são também

repetições. [...] O que já vimos, porém, é que essa repetição jamais é desnuda, ela não aponta para um primeiro termo, mas está irremediavelmente constituída pelo jogo interminável das máscaras (GARCIA-ROZA, 2014, p. 45).

Wobeto (2013, p. 97) aponta que “[...]diante da percepção de que o sujeito repete para além do prazer, e que a repetição desvela-se através de uma compulsão à repetição de uma força demoníaca [...]” é possível pensar a repetição na perspectiva da busca pelo objeto perdido. O sujeito se vê preso em um ciclo interminável de repetições, ansiando um encontro ou reencontro com o seu objeto.

Desse modo, na dinâmica amorosa, o movimento inconsciente da repetição manifesta-se quando o indivíduo se direciona ao outro, e mais outro amor, em um movimento infundável, buscando promover um encontro absoluto, em uma tentativa incessante de reparar o vazio estrutural, sem considerar que a falta é constitutiva do sujeito, sendo impossível um encontro absoluto entre os amantes (MELO, 2010).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou evidenciar as repetições que emergem das escolhas amorosas a partir da perspectiva psicanalítica. A partir do diálogo entre a teoria freudiana e a concepção do romantismo, inventado pela cultura ocidental, pode-se observar o amor como tema central das lógicas de relações humanas. Diante disto, buscou-se refletir sobre a repetição nas escolhas por objetos amorosos que remetem ao modelo vivenciado na infância. Para Freud (2010), há sempre um retorno ao primeiro amor, o amor despendido pela mãe ou por quem exerça essa função. Em outras palavras, amar é, reiteradamente, amar pela segunda vez.

O objetivo dessa pesquisa foi investigar a repetição inconsciente presente na escolha dos pares afetivos à luz da teoria psicanalítica e, mais especificamente, analisou-se o discurso idealizado do amor romântico e a incessante busca por completude. Utilizou-se como referencial teórico a bibliografia sobre os mecanismos psíquicos envolvidos na escolha do objeto amoroso, levando em consideração o conceito de narcisismo e o complexo de Édipo e, ainda, analisamos a repetição como norteadora das escolhas afetivas.

A aproximação com o outro emerge da demanda de amor das primeiras vivências, servindo de sustentação do narcisismo. Neste sentido, o amor ergue-se sobre o estatuto daquilo que resta. Para Freud (2010), o narcisismo é referência para se explicar a dinâmica da vida amorosa e paradoxalmente, apesar deste modelo reproduzir o romantismo cultural, convoca a uma crítica ao amor moderno ao denunciar o mal-estar civilizatório promovido pelo impossível de completude de uma relação amorosa. O amor está no centro da psicanálise sendo seu principal instrumento, em direção oposta à idealização romântica, para que ocorram as retificações subjetivas.

Neste sentido, as repetições amorosas se constituem de um encontro com um impasse que reverbera no romantismo cultural. O impossível da complementariedade narcísica, uma pré-condição própria da neurose que faz do amor uma repetição, podendo se colocar disponível como sintoma analítico e via de cura pelo atravessamento das idealizações culturais e constitutivas à afirmação de um impossível de completude no amor.

Por fim, espera-se que este artigo possa ser relevante para os estudos sobre a repetição, tema importante, uma vez que, é através dela que percebemos o movimento do inconsciente. Ainda que as vivências se atualizem, sempre levam o indivíduo a um lugar já conhecido. É a partir da compreensão do aspecto propulsor da repetição que o indivíduo tem a possibilidade de elaborar suas escolhas e escrever uma nova história, com mais harmonia diante de sua psicodinâmica.

REFERÊNCIAS

COSTA, Jurandir Freire. **Sem Fraude Nem Favor** – estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

COSTA, Loren Alyne. **O que a repetição traz de novo**: As dimensões de determinismo e contingência da repetição. 2010a. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de São João Del Rey, Minas Gerais, 2010. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgpsi/Publicacoes/Dissertacoes/Loren%20Alyne%20Costa.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2023.

COSTA, Loren Alyne. O que não cessa de se atualizar. **Almanaque online**, Minas Gerais, v. 4, n.06, p.01-05, jan/jun. 2010b. Disponível em:

<http://almanaquepsicanalise.com.br/wp-content/uploads/2015/09/loren.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2022.

COSTA, Teresinha. **Édipo**, Coleção Passo a passo Psicanálise, 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FERREIRA, Nadiá Paulo. **A teoria do amor na psicanálise**, Coleção Passo a passo Psicanálise, 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FREUD, Sigmund. Introdução ao Narcisismo. *In*: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo; Ensaio de metapsicologia; Outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-50 (Obras completas, v. XII).

FREUD, Sigmund. Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”). *In*: FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade; Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”); Outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 173-320 (Obras completas, v. VI).

FREUD, Sigmund, Além do Princípio do Prazer. *In*: FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 59-205.

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. *In*: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**, 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021a. p. 259-276.

FREUD, Sigmund. Lembrar, Repetir e Perlaborar. *In*: FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica**, 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021b. p. 139-152.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução a teoria das pulsões**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução a metapsicologia freudiana: v.3 Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente**, 1 ed, Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 1** as bases conceituais, 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

KUSS, Ana Suy Sesarino. **Amor, Desejo e Psicanálise**, 2 ed. Curitiba: Juruá, 2019.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de Psicanálise**, 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

MELO, Juliana Aguiar. “Estou vendendo um realejo, quem vai levar” O amor romântico e o amor patológico em questão. **Encontro: Revista de Psicologia**, São Paulo, v.13, n.18, p. 143-162, jul. 2010. Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com/renc/article/view/2539>. Acesso em: 20 out. 2022.

NÁSIO, Juan David. **Por que repetimos os mesmos erros?** 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

NICEAS, Carlos Augusto. **Introdução ao narcisismo: o amor de si.**, 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

NOGUERA, Renato. **Por que Amamos?** O que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

OLIVEIRA, Paula Maribondo de; LIGEIRO, Vivian Martins. Notas sobre o conceito de repetição na psicanálise. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.12, n. 1, p. 37-47, jan./jun. 2021. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/58620>. Acesso em: 25 out. 2022.

QUINODOZ, Jean-Michel. **Ler Freud: guia de leitura da obra de S. Freud.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

RAVANELLO, Tiago; MARTINEZ, Marisa de Costa. Sobre o campo amoroso: um estudo do amor na teoria freudiana. **Cad. Psicanál.-CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 29, p. 159-183, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v35n29/a10.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2023.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SILVA, Janaina Costa Barros da. **Repetição inconsciente e memória: reflexões psicanalíticas sobre o campo do amor.** 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)-Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/14712>. Acesso em: 15 mai. 2023.

SUY, Ana. **A gente mira no amor e acerta na solidão.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

TOLEDO, Maria Thereza. **Psicanálise: a clínica do amor – Um estudo sobre a relação entre o Ideal de amor romântico e a criação do saber psicanalítico.** 2002. Tese (Doutorado em Psicologia)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: http://ppg.psi.puc-rio.br/uploads/uploads/1969-12-31/2002_74755a3fa4a1ae9274d1ec7d670a5fd2.pdf. Acesso em: 02 nov. 2022.

ZIMERMAN, David. **Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

WOBETO, Edna Monica da Silva. **O feminino e a violência numa perspectiva psicanalítica.** 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2013. Disponível em: https://www.ri.unir.br/jspui/bitstream/123456789/1289/1/Edna%20M.%20S.%20Wobeto_O%20feminino%20e%20a%20viol%c3%aancia.pdf. Acesso em: 22 mai. 2023.